

Arte e cultura popular

Caderno Temático

Os Demônios Pagodeiros de Mestre Expedito

The Merry Demons of Master Expedito

Para Laene Teixeira Mucci

Alice Inês de Oliveira e Silva

PhD em Antropologia Social
University of London (U.C.L.)

Expedito Sobreira Ribeiro, escultor e santeiro, nasceu e vive em Porto Firme, pequena cidade da Zona da Mata de Minas Gerais, onde vem fazendo escola. Rendido às pressões do mercado, faz imagens de inspiração barroca, com grande riqueza de detalhes. Belíssimas.

Mas não é de sua produção recente que quero falar. Quero lembrar dos seus trabalhos mais antigos, dos idos anos setenta, quando o conheci.

De família de raízes rurais e tradição artística - sobrinho de Naná Soares, uma das artesãs mais dotadas com quem tive o privilégio de conviver - Expedito trabalhava imerso no rico universo da cultura popular que explodia em seus trabalhos e em sua



Ilustração 1

imaginação. Não que santos barrocos deixassem de representar parte expressiva de sua produção. Apenas, naquele tempo, ele ainda ousava dar mais asas à sua imaginação, e foi assim que surgiram os seus Demônios Pagodeiros.

Esses demônios, de curiosos nomes como Bizunga ou Caraca¹ - tocadores de sanfona, quase sempre se faziam acompanhar pela serpente, ou “comadre”, como a ela Expedito se referia. Serpente

que se enroscava pelas pernas dos diabos, ficando engenhosamente a cabeça com o tapa-sexo² ou, projetada para a frente, confundindo-se com, ou figurando o próprio pênis, num movimento ascendente insinuando a ereção (ilustração nº 1), ou, como um pênis avantajado, imensamente

desenrolada até os seus pés (ilustração nº 2 e ilustração nº 3, a figura do meio), acentuando o tom fortemente erótico que emanava dessas peças. Pode-se destacar como exemplo-síntese a figura onde a serpente enlaça completamente as pernas do diabo, como numa brincadeira infantil, ficando a sua cabeça, quase resumida pela boca entreaberta, colocada como órgão sexual, numa iconografia que reúne várias simbolizações do falo. Sua simulação é mais



Ilustração 2

explicita na posição da cabeça da serpente ou mais velada na sua língua visível na boca entreaberta - alusões sexuais popularmente decodificáveis (ilustração nº 3, figura à

esquerda).

Confluem nessas figuras dois temas bíblicos: a serpente, outra figuração do Mal, encarnação de Satã no Gênesis, e a associação do pecado dos primeiros pais com a atividade sexual, muito presente no imaginário cristão³. Por isso, compadre e comadre andam juntos nas esculturas de Expedito, e o erotismo de sua gestualidade fixa de forma indelével essa associação.

Outra presença maligna nas figuras dos Demônios Pagodeiros é a de estranhos répteis - dragões possivelmente, que aparecem sob os pés do demônio, por ele subjugados, o que poderia representá-los como hierarquicamente inferiores numa escala de seres do mal. Talvez por isso sejam eles sempre vencidos⁴. Segundo as lendas religiosas, foram derrotados por São Jorge e por Santa Margarida, como também sempre o são nos contos maravilhosos onde a função do herói - tarefa difícil/ tarefa cumprida - freqüentemente é enfrentá-los e vencê-los⁵.

Apesar dessas demonstrações de poder, o demônio de Expedito não é Satã, o Senhor do Mal e das Trevas, mas o brasileiríssimo Capeta, o Arrenegado, o Coisa-Ruim, o Tinhoso, cheio de tretas, sedutor, pé-de-valsa, louco por uma festa, uma cachaça, um malfeito⁶; irmão de sangue e unha-e-carne de Zé Pelintra - Exu de "ares carioca" - senhores ambos da baderna e

sacanagem⁷. Os Demônios Pagodeiros de Expedito têm a ginga da malandragem, o olhar safado, o riso do deboche e falam mais da alegria do interdito, do sabor do proibido que da personalização da Maldade absoluta

da série - a diaba, ou Mutreca, nome dado por Expedito - é uma mulher de chifres pequenos, exalando triste lubricidade, em atitude oferecida, despudorada, as saias arrepanhadas à frente, deixando à mostra



Ilustração 3

e da Corrupção.

Ao contrário, a única figura feminina

as pernas. Para acentuar a sua sexualidade, o artista ainda destacou-lhe ostensivamente

os seios, pintando seus mamilos de preto. Problemas ou pecados. Em contraste, para a mulher, o livre exercício de sua sexualidade só seria possível através da prostituição, da qual decorreria vergonha, culpa e nunca prazer. Nas figuras de Exedito, não é a diaba mas a serpente a parceira dos alegres pagodeiros. Mais do que parceira, na verdade, é a serpente o seu duplo, e como tal, senhora dos mesmos direitos e prerrogativas, como se macho o fora.

Ao retratar os seus demônios como sanfoneiros, Exedito ecoa a idéia de que eles são loucos por música, pelos bailes - espaços que para a Igreja tradicional eram lugares de vício e de pecado. No nordeste brasileiro tentam disputar os repentistas e desafios onde sempre são derrotados. Como se contrapor aos mestres repentistas que os enfrentam com as orações fortes, os ensalmos, os ofícios?⁸ Acresce-se o fato de que o músico é popularmente visto com reservas, como vagabundo, fora da estrutura, do mundo do trabalho, da família, do

compromisso, da ordem. Assim os Demônios Pagodeiros remetem-nos à figura paradigmática do malandro, do anti-herói, de Malazartes e Macunaíma.

Por aqui em Minas Gerais a idéia do

demônio sanfoneiro tem suas raízes em "causos" passados de pai para filho. Esses instrumentos poderosos de controle social explicam e traduzem, nos termos da cultura popular, normas, valores e os ditames da Religião oficial.

Por muito tempo, o preceito da Igreja Católica determinava que a Quaresma fosse rigorosamente guardada, mormente as Sextas-Feiras. Dias de mortificação e penitência, de



A diaba ou Mutreca

jejuns e abstinência, tempo de purgar os pecados, de encomendar as almas, de lembrar da morte ('Acordai quem 'tá' dormindo que o sono é morte e a cama, sepultura')⁹, dos castigos eternos e das tentações do demônio. Clima pesado de interdição que culminava na Sexta-Feira Santa quando se falava baixinho, não se ria ou se cantava. Não se varria a casa, limitando-se ao mínimo os

trabalhos domésticos. Na roça onde a criação não pode deixar de ser ordenhada, todo leite, obrigatoriamente, deveria ser distribuído entre os pobres já que nenhum lucro poderia advir de trabalho em dia tão sagrado. Ora, se o trabalho era interdito, bailes, festas e demonstrações de alegria constituíam tabu de terrível sanção, se violado. Corria-se o risco do demônio aparecer querendo festejar, conquistando as moças desavisadas, melhorando o clima da festa, aumentando os risos e a alegria. Assim, todos entretidos, nem se aperceberiam que o chão lentamente iria descendo, levando os dançarinos até às profundezas da terra, onde bailariam sem cessar até o final dos tempos. Os Demônios Pagodeiros de Expedito remontam a essas histórias, como ele contou:

Diz que uma vez houve um grande baile na Quaresma, e quando estavam todos lá dançando na maior animação, botaram reparo num homem desconhecido que dançava tão bem que todos pararam para admirar. Eis que um menino danado de reinador puxou a ponta da saia da mãe, apontando com o

dedo para o chão:

- Mãe, aquele homem tem pé de pato....

A mãe só fazia psiu. O menino insistia falando cada vez mais alto:

- Mãããe....mas ele tem pé de pato...

E a mãe bem baixinho segurando-lhe a mão e impedindo o gesto mal-educado:

- Psiu, cala a boca menino... Cada um é como Deus o fez

E o desconhecido, o próprio "sujo", que não pode pronunciar esse Nome confirmava:

Isso mesmo! Cada um como Fez o fez.

E, tendo sido descoberto, foi-se embora numa nuvem de fumaça e enxofre.

É importante notar que o diabo no folclore brasileiro é sempre passado para trás, como demonstram vários contos populares¹⁰. Para Gustavo Barroso¹¹, o poder do demônio é enfraquecido por não ser levado a sério, como provam os piores motejos que revelam o desprezo com que o povo brasileiro se refere a ele: molambudo, bode, sujo, bicho, malino, fute, cambito, uma lista enorme de epítetos que fazem de diabo uma das palavras de mais rica sinonímia no vocabulário Português. Tal riqueza vocabular se deve



Detalhe ilustração 2

principalmente ao forte tabu que cerca o seu nome, que ao ser pronunciado poderia soar como invocação. Paradoxalmente, como lembra Eduardo Campos, a imprecisão do diabo pontua a linguagem diária, como interjeição, como qualificativo (o diabo do menino, por exemplo), em provérbios onde se reconhece que afinal ele não é tão feio quanto se pinta.

Como diz Campos, referindo-se ao sertão nordestino:

É nome argüido à hora dos aperreios, quando alguém necessita de auxílio. Surge nas discussões, nas conversas sérias, nos momentos de deboche.

Minha argumentação segue paralela à dos dois autores. É exatamente por temê-lo em demasia que o po-

vo assim procede. Lembra Mário Souto Maior que o povo adora a Deus uma vez por semana quando assiste à missa aos domingos e respeita o Diabo a semana toda (Souto Maior, 1975). Cortando-lhe o poder, deixando-o ser vencido exatamente pelos mais fracos - a mulher, velhos, crianças - ou ao rebaixá-lo

socialmente, o povo ordena e controla - ainda que apenas no domínio da linguagem - essa força desagregadora, maligna e caótica que lhe provoca terror. No imaginário popular a ação do demônio está presente no cotidiano

de forma pervasiva, Deus e Diabo atuam um em função do outro, não existindo isoladamente. É o demônio que sob a forma de cobra ofende um animal, que espanta o cavalo e derruba o cavaleiro, que tange as nuvens da chuva desejada para onde não é querida. Se a atuação divina é sempre ordenadora, o demônio é a perturbação, a desordem, a confusão. Não é demais lembrar que a Cultura, instrumento humanizador essencial, consiste na instauração da ordem, substituindo o aleatório pelo organizado, assegurando assim a existência da vida social, já que pela sua natureza o homem não sabe lidar com o caos (Lévi-Strauss, 1975).

É preciso também lembrar que no domínio do mito - uma história que a sociedade conta sobre ela, para ela mesma - a realidade aparece invertida (Lévi-Strauss, 1967). Daí o predomínio dos fracos sobre os fortes, por exemplo. Na história, largamente difundida¹² narrada por Expedito, é o demônio



Detalhe ilustração 3

logrado pela criança, pela voz da inocência. Sendo o menino a única pessoa a não dançar, e portanto a não pecar, era também o único que reunia condições de identificar o perigo.

Uma outra estorinha inspiradora, que acentua a imagem de que o demônio não perde ocasião para dançar, está registrada em um outro trabalho de Expedito:

Diz que a comadre lá vinha vindo pela floresta quando encontrou o compadre com sua sanfona. E ela falou:

- Oh compadre vamos dançar.

E o compadre respondeu:

- Apois, comadre, ou nós toca, ou nós dança...

E a comadre muito ladina:

- Pois eu vou te mostrar como nós toca e nós dança.

E a serpente mandou que ele colocasse a sanfona no chão e jeitosamente, em posição ereta às suas costas, apoiou “carinhosamente” a cabeça no ombro do capeta. Com a ponta das caudas, ela tocava os botões e ele manjava o fole da sanfona, tocando e dançando ao mesmo tempo, como outra bela escultura de Expedito retratou.

Finalmente, a última e mais curiosa figura de toda essa série: ela retrata o diabo aparentemente sozinho, vestido de batina. Ostenta ele sobre sua cabeça um enorme morcego, de grandes asas abertas e

fisionomia aterrorizante. O ar do pretenso padre e seu risinho disfarçado, de canto de boca, são sinais indubitáveis de quem se acredita vitorioso.

Explica Expedito:

Diz que o diabo procurou Nosso Senhor para se queixar da luta desigual entre ele, diabo, e o Filho de Deus. Como é que ele podia pretender sair vencedor, se a pomba do Espírito Santo estava sempre protetoramente sobre a cabeça de Jesus Cristo?

Diz que Deus zombou dessa pretensão:

- Como é que você um diabo, pelado desse jeito e tocando sanfona, pode esperar proteção do Espírito Santo? Você acha que Ele protege quem anda na farra, assim sem roupa?

Aí o Demônio ficou matutando um jeito de enganar a Santíssima Trindade. Não bastava se vestir. Tinha que arranjar uma roupa que o disfarçasse muito bem. Mas qual ou como ?

Finalmente teve a idéia de roubar uma batina. Disfarçado de padre não teria como ser reconhecido; um sacerdote é por direito merecedor das graças do céu e só assim, com as bênçãos divinas poderia o diabo

vencer o Cristo.

E Expedito concluiu:

Agora tá o demônio aí, alegrinho pensando que enganou a Deus e está com a Pomba sobre sua cabeça. Ele não sabe que Espírito Santo do capeta é o morcego *(ilustração nº 3, figura da esquerda)*.

Expedito traduz assim a verdade cristã da onisciência divina. Se Deus tudo vê e tudo sabe, não haveria como enganá-lo.

Ecoa ainda à sua história uma outra tradição popular presente em muitas lendas, a de que Deus e o diabo fizeram juntos os animais para povoar o mundo. Deus fazia um bicho de cá, o diabo arremedava de lá. Deus fez a ovelha, o diabo fez a cabra, Deus fez o cachorro, o diabo fez o gato, dividindo assim os viventes entre os que são sagrados e aqueles que não prestam, predeterminando o comportamento que teriam no futuro, conforme é retratado no rico tesouro de lendas religiosas da tradição oral¹³. O demônio pode muitas vezes tomar a forma de animal - e uma das figuras de Expedito é um diabo com estranha cara de bicho, cabra possivelmente *(ilustração nº 3, figura do meio)*, enquanto outro veste um 'manto' feito do casco de tatu (ou seria de dragão?) *(ilustração nº 3, figura à direita)*. Reza, porém, a tradição que jamais ele escolherá a forma de um dos bichinhos de Deus para isso. Terão que ser as

imundícies, as moscas, os ratos, as cobras, gato preto, morcego¹⁴ que, para o povo, não passa de rato com asa. A brilhante analogia feita entre o morcego e a pomba do Divino¹⁵ na rica imaginação de Expedito, segue a lógica dicotômica dos animais de Deus e do diabo¹⁶.

A figura do demônio de batina e o seu enorme morcego protetor parece entretanto ter soado por de-mais sacrílega para o artista. Imagino que para ele aquilo significava ter ido muito longe na sua relação com o sagrado. De certa forma, ele o tinha desafiado. O temor de sua ousadia, ainda que inconsciente, deve ter se transmitido para o seu público.

Lembro-me bem da sensação de desconforto que senti ao vê-lo. Era um trabalho forte e muito criativo que me provocou um arrepio de medo.

Duvidava Expedito que essa figura pudesse ser vendida, mas teria sido. Segundo ele me relatou, a pessoa que o comprou(?) exigira que



Detalhe ilustração 3

fosse o morcego cortado fora. Perdeu a figura todo o seu sentido, e foi irremediavelmente mutilado um dos trabalhos mais originais e criativos que Mestre Expedito fez.

Penso que inconscientemente o artista deva ter sofrido influência de sua Tia Naná, que começara a apresentar sinais de perturbação mental. Coincidentemente, depois de desenhar 'os monstros que habitam nossa imaginação' (caboclo d'água, lobisomem, mula sem cabeça), ela começara a fazer demônios também. Dizia Naná em uma carta datada de 1977:

eu fiz um bonito diabo - com chifre e língua para fora - ficou jóia. [...] parece que a Imagem do Diabo ficou mais engraçada e mais aperfeiçoada.

Essa displicência inicial com que falava no assunto, procurando apaziguar meus possíveis escrúpulos - "*não toma por mal esta imagem do diabo....*" - irá aos poucos desaparecendo. E, no final, não será a ousadia desses trabalhos que lhe provocará medo, mas sim sua própria atividade de ceramista.

Sua doença que se revela em "ataques" (epilépticos?) é assumida como um castigo divino, a ela imposto por não ter respeitado o sagrado, por ter ousado brincar com as coisas de Deus: ao fazer bonecos de barro - qualquer um - Naná acreditava ter cometido grave pecado tentando se igualar a

Ele. À semelhança dos primeiros pais, teria sido severamente punida por seu gesto de soberba¹⁷. Para expiar o que se lhe figurava como tão grave pecado, Naná abandonou de vez suas múltiplas atividades de artesã, tal como foram abandonados os Demônios Pagodeiros de Expedito. Porque tanto quanto sei, aquela foi a última dessas figuras que ele esculpiu.

Notas

¹ Este nome escolhido por Expedito para uma de suas figuras tem conotação nojenta ou de imundície. Diz o Dicionário: "Caraca, casca de ferida ou de pereba no período de cicatrização. Secreção nasal ressequida. Crosta de sujidade na pele de uma pessoa. O mesmo que craca" (*Dicionário Melhoramentos*, v. 1) O Aurélio só registra a segunda acepção (*Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*). Lembrar também da locução popular em referência a pessoas: "ruim como casca de ferida".

² Como na figura, a primeira que ele esculpiu, que faz parte da coleção do prof. Dr. Saul Martins, que encontra-se hoje no Museu de Folclore de Minas Gerais.

³ A narrativa do Gênesis marca profundamente o imaginário popular regional, de forma explícita nos

* Presto homenagem a Benito Taranto, que como entusiasmado diretor da então Assessoria de Assuntos Culturais, UFV, proporcionou condições para que 'viajássemos' no mundo dos artistas populares da região.

demônios de Exedito, de forma mais velada em todo o complexo de superstições envolvendo cobra e mulher, notadamente a mulher em momentos ligados à reprodução: menstruação, gravidez e parto. Ao colocá-las em confronto, essas superstições evocariam a maldição bíblica “*Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Sua descendência te esmagará a cabeça, e tu lhe ferirás no calcanhar*” (Gênesis 3,15). Esse tema foi desenvolvido por mim no artigo *Cobra*.

⁴ Há um trabalho de Exedito bem posterior denominado *A Ilha de Satanás*, onde figuram dragões e diabos.

⁵ De acordo com a análise proposta por Vladimir Propp, em *Morfologia do Conto*.

⁶ Ver em Câmara Cascudo, no *Dicionário do folclore brasileiro*, o verbete diabo. Ver ainda em Souto Maior, 1975; em Campos, s.d.; e em Pontes, 1979.

⁷ Ver Peter Fry, 1982, a respeito da figura do Zé Pelintra, personificação do malandro, na Umbanda.

⁸ Ver em Câmara Cascudo, 1968; em Rodolfo Carvalho, *Cancioneiro do Norte* (Fragmento do Desafio entre Manuel das Cabeceiras e o Diabo) de Mário Pontes, 1979. Na análise deste autor, enquanto os romances do gado retratariam a luta do homem contra a natureza, as narrativas sobre essas pelejas mostrariam a luta do homem contra a sociedade.

⁹ Verso de Encomendação de Almas, Palmeiras

de Fora - Barra Longa; registrado também, entre outros, por Paniago, 1977 e Xidieh, 1972.

¹⁰ Para Câmara Cascudo, esses contos são agrupados no que ele denominou “Ciclo do Demônio Logrado”, cf. 1967, 1952 e 1980. Ver também Souto Maior, 1975, e folhetos de cordel como *O Velho que enganou o Diabo*.

Bibliografia

BARROSO, Gustavo. *Ao som da viola*. Rio de Janeiro: Departamento da Imprensa Nacional, 1949.

CAMPOS, Eduardo. *Cantador, musa e viola*. Rio de Janeiro/Brasília: Companhia Editora Americana/MEC, s.d.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura oral*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. [LINS, Alvaro. *História da Literatura Brasileira*. v 6], 1952.

———. *Contos tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

———. *Vaqueiros e cantadores*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

———. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

FRY, Peter H. *P’ra inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. (Coleção Tempo Universitário 7).

———. *Totemismo hoje*. Petrópolis: Vozes, 1975.

MERHEB, Alice Inês Silva. Cobras. *Boletim da Comissão Mineira de Folclore* 1 (2), mai., 1976.

PANIAGO, Maria do Carmo. *Viçosa, tradições e folclore*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa/Imprensa Universitária, 1977.

PONTES, Mário. *Doce como o Diabo*. In: *O Demônio na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979. (Coleção Alternativa 2).

SOUTO MAIOR, Mario. *Território da danação*. In: *O Diabo na cultura popular do nordeste*. Rio de Janeiro. Livraria São José, 1975.

XIDIEH, Oswaldo Elias. *Semana santa cabocla*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1972.